

**Corpus Thomisticum**<http://www.corpusthomisticum.org/qdp3.html>

Textum Taurini 1953 editum
ac automato translatum a Roberto Busa SJ in taenias
magneticas denuo recognovit Enrique Alarcón atque
instruxit.

SANCTI THOMAE DE AQUINO.**QUAESTIONES DISPUTATAE DE POTENTIA DEI****QUAESTIO III****ARTICULUS 16****DECIMOSEXTO QUAERITUR UTRUM AB UNO PRIMO
POSSIT PROCEDERE MULTITUDO**

Et videtur quod non.

ARGUMENTA

1. Sicut enim Deus est per se bonum, et per consequens summum bonum; ita est per se et summe unum. Sed ab eo in quantum est bonum, non potest procedere nisi bonum. Ergo nec ab eo procedere potest nisi unum.

2. Praeterea, sicut bonum convertitur cum ente, ita et unum. Sed in his quae sunt entia, oportet attendi assimilationem creaturae ad Deum, ut supra, art. praeced., dictum est. Ergo sicut in bonitate, ita et in unitate oportet Deo creaturam assimilari, ut scilicet sit una ab uno.

3. Praeterea, sicut bonum et malum opponuntur privative, si communiter accipiuntur, licet sint contraria, prout sunt habituum differentiae; ita unum et multa opponuntur privative, ut patet in X Metaph. Sed malitiam nullo modo dicimus a Deo procedere, sed ex defectu causarum secundarum eam incidere. Ergo nec debet poni quod multitudinis Deus sit causa.

4. Praeterea, oportet proportionaliter accipere causas et causatas, quia videlicet singularia sunt causa singularium, et universalia universalium, ut patet per philosophum. Sed Deus est causa maxime universalis. Ergo suus proprius effectus est effectus maxime universalis, scilicet esse. Sed ex hoc quod res habent esse non est multitudo, cum multitudinis sit causa diversitas vel differentia. In esse vero omnia conveniunt. Ergo multitudo non est a Deo; sed ex causis secundis, ex quibus

Aquinate<http://www.aquinate.net/traduções.html>

Texto Taurino editado em 1953
e transferido automaticamente por Roberto Busa
SJ para fitas magnéticas e de novo revisto e orde-
nado por Enrique Alarcón.

SANTO TOMÁS DE AQUINO.**QUESTÕES DISPUTADAS SOBRE O PODER DE DEUS****QUESTÃO 3****ARTIGO 16****DÉCIMO SEXTO, PERGUNTA-SE SE O MÚLTIPLO
PODE PROCEDER DE UMA UNIDADE PRIMEIRA**

E parece que não.

ARGUMENTOS¹

1. Com efeito, assim como Deus é bom por si e, por consequência, é o sumo bem; assim também é sumamente uno. Ora, d'Ele enquanto é bom não pode proceder nada a não ser que seja bom. Logo, d'Ele não pode proceder nada a não ser que seja uno.

2. Além do mais, assim como o bem se converte com o ente, assim também com o uno. Ora, naquelas coisas que são entes é necessário perceber que existe uma semelhança da criatura com Deus, como foi dito acima no artigo anterior. Logo, como na bondade, assim também na unidade é necessário que a criatura se assemelhe a Deus, a saber, de modo que uma proceda do uno.

3. Além do mais, assim como o bem e o mal se opõem privativamente, se tomados no sentido comum, ainda que sejam contrários, enquanto têm diferenças de hábitos, assim o uno e a multiplicidade se opõem privativamente, como é claro no livro X de *Metafísica*². Ora, de modo nenhum dizemos que a maldade procede de Deus, mas que ela existe por uma deficiência das causas segundas. Logo, não deve se estabelecer que Deus seja a causa do múltiplo.

4. Além do mais, é necessário considerar proporcionalmente as causas e as coisas causadas, porque é evidente que as coisas singulares são causas das coisas singulares, bem como as coisas universais com as coisas universais, como é claro pelo Filósofo³. Ora, Deus é maximamente causa universal. Logo, o seu efeito próprio é maximamente um efeito universal, a saber, o ser. Ora, o múltiplo não é um resultado das coisas que têm ser, pois a causa

¹ Na edição Taurini, reproduzida por Enrique Alarcón, não há esta divisão que ora propomos: *Argumenta*. O intuito é orientar o leitor quanto à dinâmica da argumentação da exposição do Aquinate. De igual modo, não há notas de pé de página na referida edição latina.

² ARISTÓTELES, *Metafísica*, X, 3, 1054 a 20-26.

³ ARISTÓTELES, *Physica*, II, 3, 195 b 25.

causantur particulares rerum conditiones, secundum quas etiam differunt.

5. Praeterea, uniuscuiusque effectus est aliquam propriam causam accipere. Sed impossibile est unum esse proprium multorum. Ergo impossibile est quod unum sit causa multitudinis.

6. Sed dices, quod hoc tenet in causis naturalibus, non in causis voluntariis.- Sed contra, artifex est causa artificii per voluntatem. Procedit autem artificiatum ab artifice secundum propriam formam illius artificii, quae est in artifice. Ergo etiam in voluntariis effectus quilibet requirit propriam causam.

7. Praeterea, oportet esse conformitatem inter causam et effectum. Sed Deus est omnino unus et simplex. Ergo in creatura, quae est eius effectus, nec multitudo nec compositio debet inveniri.

8. Praeterea, diversorum agentium non potest esse idem effectus immediate. Sed sicut causa appropriatur effectui, ita effectus causae. Ergo nec eiusdem causae possunt esse plures immediate effectus; et sic idem quod prius.

9. Praeterea, in Deo est eadem potentia generandi, spirandi et creandi. Sed potentia generandi non est nisi ad unum, similiter nec potentia spirandi: quia in Trinitate non potest esse nisi unus filius et unus spiritus sanctus. Ergo et potentia creandi terminatur tantum ad unum.

10. Sed dices, quod universitas creaturarum est quodammodo unum secundum ordinem. Sed contra, effectum oportet assimilari causae. Sed unitas Dei non est unitas ordinis, quia in Deo non est prius nec posterius, nec superius et inferius. Ergo non sufficit unitas ordinis ad hoc quod ab uno Deo plura possint educi.

11. Praeterea, unius simplicis non est nisi una actio. Sed ab una actione non est nisi unus effectus. Ergo ab uno simplici non potest procedere nisi unus effectus.

12. Praeterea, creatura procedit a Deo, non solum sicut effectus a causa efficiente, sed etiam sicut exemplatum ab exemplari. Sed unius exemplati est unum exemplar proprium. Ergo a Deo non potest procedere nisi una creatura.

13. Praeterea, Deus est causa rerum per intellectum. Agens autem per intellectum agit per formam sui intellectus. Cum igitur in divino intellectu non sit nisi una forma, videtur quod ab eo non possit procedere nisi una creatura.

14. Sed dices, quod licet forma divini intellectus sit una secundum rem, quae est eius essentia, tamen attenditur ibi quaedam pluralitas secundum diversos

do múltiplo é a diversidade ou a diferença. De fato, todas as coisas convêm no ser. Logo, o múltiplo não provém de Deus, mas das causas segundas, a partir das quais são causadas as condições particulares das coisas, segundo as quais elas diferem umas das outras.

5. Além do mais, qualquer efeito tem de ter uma causa própria. Ora, é impossível que o uno seja o que é próprio de muitos. Logo, é impossível que o uno seja causa do múltiplo.

6. Mas se poderia dizer que isso acontece nas causas naturais, não nas causas voluntárias.- Mas, ao contrário, o artífice é causa das coisas artificiais pela vontade. Contudo, o artificial provém do artífice segundo a própria forma dessas coisas artificiais que estão no artífice. Logo, também nas causas voluntárias um efeito requer uma causa própria.

7. Além do mais, é necessário que exista conformidade entre a causa e o efeito. Ora, Deus é totalmente uno e simples. Logo, na criatura, que é seu efeito, não se deve encontrar nem múltiplo nem composição.

8. Além do mais, um mesmo ente não pode ser efeito de vários agentes imediatamente. Ora, assim como a causa é apropriada a um efeito, assim o efeito é próprio de uma causa. Logo, de uma mesma causa não podem existir imediatamente muitos efeitos, e assim o mesmo que antes.

9. Além do mais, em Deus a potência de gerar, de insuflar e de criar é a mesma. Ora, a potência de gerar e igualmente de insuflar tem um só efeito, porque na Trindade não pode haver senão um Filho e um Espírito Santo. Logo, também a capacidade de criar proporciona um só efeito.

10. Mas se poderia dizer que a universalidade das criaturas de certa forma é uma coisa só segundo a ordem. Mas, ao contrário, é necessário que o efeito seja semelhante à causa. Ora, a unidade de Deus não é uma unidade de ordem, porque em Deus não há nada anterior ou posterior, nem superior ou inferior. Logo, não é suficiente a unidade de ordem para que de um só Deus possam deduzir-se muitas coisas.

11. Além do mais, o uno simples não pode ter senão uma só ação. Ora, de uma única ação não se pode derivar senão um só efeito. Logo, do uno simples não se pode proceder senão um único efeito.

12. Além do mais, a criatura procede de Deus não apenas como um efeito da causa eficiente, mas também como um exemplo do exemplar. Ora, de cada exemplo existe um exemplar próprio. Logo, de Deus não pode proceder senão uma única criatura.

13. Além do mais, Deus é a causa das coisas pelo intelecto. Contudo, o que opera pelo intelecto opera pela forma de seu intelecto. Portanto, por não existir no intelecto divino senão uma forma apenas, parece que d'Ele não pode proceder senão uma criatura apenas.

14. Mas se poderia dizer que, ainda que a forma do intelecto divino, que é a sua essência, seja uma segundo a realidade, porém pode se fixar nela uma

respectus ad creaturas diversas; et sic est ibi pluralitas rationis. Sed contra, aut isti respectus plures sunt in intellectu divino, aut sunt solum in ratione nostra. Si primo modo, ergo sequitur quod in intellectu divino erit pluralitas et non summa simplicitas. Si secundo modo, sequitur quod Deus non producat creaturas diversas nisi mediante ratione nostra: ex quo oportet quod diversas creaturas producat per diversos respectus ad creaturas qui non sunt nisi in ratione nostra; et sic habetur propositum, scilicet quod a Deo immediate non procedat multitudo.

15. Praeterea, Deus per apprehensionem intellectus sui res in esse producit. Sed in eo non est nisi una apprehensio: quia suus intellectus est eius essentia, quae est una. Ergo non producit nisi unam creaturam.

16. Praeterea, illud quod non habet esse nisi in ratione, non est creatum a Deo: quia huiusmodi videntur esse quaedam vana, ut Chimaera, et huiusmodi. Sed multitudo non est nisi in ratione: significatur enim per abstractionem a multis quod in rerum natura non invenitur. Ergo Deus non est causa multitudinis.

17. Praeterea, secundum Platonem, optimi est optima adducere. Sed optimum non potest esse nisi unum. Cum igitur Deus sit optimus, ab eo non potest produci nisi unum.

18. Praeterea, unusquisque agens propter finem, facit effectum suum propinquiores fini quantum potest. Sed Deus producendo creaturam ordinat eam in finem. Ergo facit eam propinquissimam fini quantum potest. Sed hoc non potest nisi uno modo fieri. Ergo Deus non producit nisi unam creaturam.

19. Praeterea, iniustum est quod aliquis inaequalia aliquibus tribuat, nisi aliqua inaequalitate circa eos praecedente, vel meritorum, vel quarumcumque conditionum diversarum. Sed operationem divinam non praecedit aliqua diversitas; alias ipse non esset prima causa omnium. Ergo in prima rerum creatione non dedit creaturis inaequalia dona. Sed diversitas creaturarum et multitudo attenditur secundum hoc quod plus vel minus recipiunt de donis divinis, ut patet in IV cap. Cael. Hierar. Ergo in prima rerum creatione Deus multitudinem non produxit.

20. Praeterea, Deus creaturis communicat suam bonitatem quantum capaces sunt. Sed natura superiorum creaturarum capax fuit huiusmodi perfectionis et dignitatis, ut essent causae inferiorum creaturarum. Id enim quod est perfectius, potest agere in id quod est eo imperfectius, et communicare ei suam perfectionem. Ergo videtur quod Deus creaturas inferiores mediatis superioribus produxit; et ita ipse immediate non

certa pluralidade, segundo as diversas relações com as diversas criaturas, e assim há nela uma pluralidade de razões. Mas, ao contrário, ou estas múltiplas relações existem no divino intelecto ou só existem na nossa razão. Logo, se for o primeiro modo, seguir-se-ia que no intelecto divino haveria pluralidade e não a suma simplicidade. Se for o segundo, seguir-se-ia que Deus produz as mais diversas criaturas apenas através da nossa razão; por isso é necessário que produza as diversas criaturas pelas diversas relações com as criaturas que não existem senão em nossa razão; e assim se chegará ao proposto, a saber, que o múltiplo não procede de Deus imediatamente.

15. Além do mais, Deus produz as coisas no ser pela apreensão do seu intelecto. Ora, n'Ele não há senão uma só apreensão, porque o seu intelecto é a sua essência, que é uma. Logo, não produz senão uma única criatura.

16. Além do mais, aquele que tem ser só na razão não é criado por Deus, porque esse tipo de coisa parece ser vão, como a Quimera e coisas semelhantes. Ora, o múltiplo não existe senão na razão; pois se entende por abstração a partir de muitos que não se encontram na natureza das coisas. Logo, Deus não é causa do múltiplo.

17. Além do mais, de acordo com Platão⁴, é ótimo produzir coisas ótimas. Ora, o ótimo não pode ser senão um só. Portanto, como Deus é ótimo, d'Ele não pode ser produzida senão uma só criatura.

18. Além do mais, tudo aquilo que opera com um fim faz seu efeito o mais próximo possível quanto ao fim. Ora, Deus, quando produz a criatura, ordena-a a um fim. Logo, faz o máximo que pode próxima quanto ao fim. Ora, isto não pode ser feito senão de apenas um modo. Logo, Deus não produz senão uma só criatura.

19. Além do mais, é injusto que alguém conceda coisas desiguais a diferentes sujeitos, a não ser que entre elas haja uma prévia desigualdade de méritos ou quaisquer condições diversas. Ora, a operação divina não precede certa diversidade, já que de outra forma Ele mesmo não seria a causa primeira de todas as coisas. Logo, na primeira criação das coisas não forneceu às criaturas dons desiguais. Ora, a diversidade e o múltiplo das criaturas são o resultado do recebimento dos dons divinos em maior ou menor grau, como é claro no capítulo IV da *Hierarquia celeste*⁵. Logo, Deus não produz o múltiplo na primeira criação das coisas.

20. Além do mais, Deus comunica a sua bondade para criaturas quanto a que são capazes. Ora, a natureza das criaturas superiores foi capaz de receber um modo de perfeição e dignidade tal que foram causa das criaturas inferiores. Com efeito, o que é mais perfeito pode operar no que é mais imperfeito e comunicar a sua perfeição. Logo, parece que Deus tenha produzido as criaturas inferiores

⁴ PLATÃO, *Tímaeus*, 29e-30c.

⁵ PSEUDO-DIONISIO, *De caelesti hierarquia*, 4, 1.

produxit nisi unam creaturam aliis superiorem, quaecumque sit illa.

21. Praeterea, quanto aliquae formae sunt magis imateriales, tanto sunt magis activae, utpote magis a potentia separatae; unumquodque enim agit secundum quod est in actu, non secundum quod est in potentia. Sed formae rerum quae sunt in mente Angeli, sunt magis immateriales quam formae quae sunt in rebus naturalibus. Cum ergo formae naturales sint causae formarum sibi similiarum, videtur quod multo fortius formae quae sunt in mente Angeli, prodixerint formas rerum naturalium sibi similes. Diversitas autem rerum, et per consequens multitudo, est ex forma. Ergo videtur quod multitudo non processerit a Deo nisi mediantibus superioribus creaturis.

22. Praeterea, quidquid Deus facit, est unum. Ergo ab eo non est nisi unum; et ita ipse non erit causa multitudinis.

23. Praeterea, Deus non intelligit nisi unum: quia nihil intelligit extra se, ut probatur in XII Metaph. Sed ipse est causa rerum per intellectum suum. Ergo ipse non causat nisi unum.

24. Praeterea, Anselmus dicit, quod creatura in Deo est creatrix essentia. Sed creatrix essentia est tantum una. Ergo et creatura in Deo est tantum una. Sed hoc modo creatur creatura a Deo secundum quod in ipso praecessit. Ergo a Deo non est nisi una tantum creatura; et sic a Deo non procedit multitudo.

SED CONTRA

1. Est quod dicitur Sapient. cap. XI, 21: *omnia in numero et pondere et mensura disposuisti, domine*. Sed numerus non est sine multitudine. Ergo a Deo procedit multitudo.

2. Praeterea, virtus Dei praecedit virtutem cuiuslibet alterius rei. Sed unum punctum potest esse principium multarum linearum. Ergo sic Deus, quamvis sit unus, potest esse principium creaturarum multarum.

3. Praeterea, illud quod est proprium uni in quantum est unum, maxime competit ei quod est maxime unum. Sed proprium est unitatis quod sit multitudinis principium. Ergo hoc maxime competit Deo quod est summe unum, quod ab eo multitudo procedat.

4. Praeterea, Boetius dicit in principio arithmeticae, quod secundum exemplar numeri Deus res in esse produxit. Sed exemplatum exemplari conformatur. Ergo produxit res sub multitudine et numero.

5. Praeterea, in Psal. CIII, 24, dicitur: *omnia in sapi-*

através das superiores, e é por isso que Ele mesmo tenha produzido imediatamente apenas uma criatura superior às demais, qualquer que seja ela.

21. Além do mais, quanto mais imateriais são algumas formas, tanto mais ativas são, enquanto que estão mais separadas das potências; cada coisa, em efeito, atua segundo está em ato, e não segundo está em potência. Ora, as formas das coisas que estão na mente dos anjos são mais imateriais do que as formas que existem nas coisas naturais. Logo, como as formas naturais são causas de formas similares a elas, parece que a maior abundância das formas que existem na mente dos anjos tenha produzido as formas das coisas naturais semelhantes a si. Contudo, a diversidade das coisas e, conseqüentemente, a sua multiplicidade, provém da forma. Logo, parece que o múltiplo não provém de Deus a não ser mediante as criaturas superiores.

22. Além do mais, tudo que Deus faz é uno. Logo, a partir d'Ele não procede a não ser o que é uno, e assim Ele não poderá ser a causa da multiplicidade.

23. Além do mais, Deus não entende a não ser o uno, porque não entende nada fora de si mesmo, como se prova no livro XII da *Metafísica*⁶. Ora, ele é a causa das coisas pelo seu intelecto. Logo, Ele causa só um único efeito.

24. Além do mais, Anselmo⁷ disse que a criatura em Deus é a essência criadora. Ora, a essência criadora é apenas uma. Logo, também a criatura em Deus é apenas uma. Ora, a criatura é criada por Deus segundo que preexistia n'Ele. Logo, Deus não produz senão uma única criatura, e assim o múltiplo não provém de Deus.

AO CONTRÁRIO

1. É o que se diz em Sb 11, 20: *tudo dispusestes com medida, número e peso*. Ora, sem multiplicidade não existe número. Logo, a multiplicidade procede de Deus.

2. Além do mais, o poder de Deus é maior do que o poder de qualquer outra coisa. Ora, um só ponto pode ser o princípio de muitas linhas. Logo, desta forma Deus, ainda que seja uno, pode ser o princípio de muitas criaturas.

3. Além do mais, o que é próprio do uno enquanto é uno, compete maximamente ao que é maximamente uno. Ora, é próprio da unidade ser princípio da multiplicidade. Logo, compete maximamente a Deus, que é o sumo uno, que d'Ele provenha o múltiplo.

4. Além do mais, Boécio diz no princípio da *Aritmética*⁸ que Deus produziu as coisas no ser segundo o modelo dos números. Ora, o exemplo está em conformidade com o exemplar. Logo, produziu as coisas segundo o múltiplo e o número.

5. Além do mais, no Sl 103, 24 se diz: *todas as coi-*

⁶ ARISTÓTELES, *Metaphysica*, XII, 9, 1074 b 33-35.

⁷ ANSELMO, *Monologion*, 8.

⁸ BOECIO, *De institutione arithmetica*, I, 2.

entia fecisti. Sed cum sapientis sit ordinare, oportet ea quae per sapientiam fiunt, ordinem habere, et per consequens multitudinem. Ergo rerum multitudo a Deo processit.

RESPONDEO

Dicendum, quod multa non posse procedere ab uno principio immediate et proprie, videtur esse ex determinatione causae ad effectum, ex qua videtur debitum et necessarium ut si est talis causa, talis effectus proveniat.

Causae autem sunt quatuor, quarum duae, scilicet materia et efficiens, praecedunt causatum, secundum esse internum; finis vero etsi non secundum esse, tamen secundum intentionem; forma vero neutro modo, secundum quod est forma; quia cum per eam causatum esse habeat, esse eius simul est cum esse causati; sed in quantum etiam ipsa est finis, praecedit in intentione agentis.

Et quamvis forma sit finis operationis, ad quem operatio agentis terminatur, non tamen omnis finis est forma. Est enim aliquis finis intentionis praeter finem operationis, ut patet in domo. Nam forma eius est finis terminans operationem aedificatoris; non tamen ibi terminatur intentio eius, sed ad ulteriorem finem, quae est habitatio; ut sic dicatur, quod finis operationis est forma domus, intentionis vero habitatio.

Debitum igitur essendi tale causatum non potest esse ex forma in quantum est forma, quia sic concomitatur causatum; sed vel ex virtute causae efficientis, vel ex materia vel ex fine, sive sit finis intentionis, sive finis operationis. Non potest autem dici in Deo, quod effectus eius habeat debitum essendi ex materia. Nam cum ipse sit totius esse auctor, nihil quolibet modo esse habens praesupponitur eius actioni, ut sic ex dispositione materiae necesse sit dicere talem vel talem eius esse effectum. Similiter nec ex potentia effectiva. Nam cum eius activa potentia sit infinita, non terminatur ad unum nisi ad id quod esset aequale sibi, quod nulli effectui competere potest.

Unde, si inferiorem sibi effectum producere sit necesse, potentia sua, quantum in se est, non terminatur ad hunc vel illum distantiae gradum, ut sic debitum sit ex ipsa virtute activa talem vel talem effectum produci.

Similiter nec ex fine intentionis. Hic enim finis est divina bonitas, cui nihil accrescit ex effectum produc-

sas fizeste com sabedoria. Ora, como é próprio do sábio ordenar, é necessário que as coisas feitas tenham ordem e, por consequência, o múltiplo. Logo, a multiplicidade das coisas procede de Deus.

RESPONDO

Respondo, dizendo, que muitas coisas não podem proceder imediatamente e propriamente de um único princípio parece ser uma consequência de que uma causa tem um efeito, pelo que parece necessário e obrigatório que se uma causa possua tais características, resultará um efeito com essas mesmas consequências.

Contudo, as causas são quatro; destas, duas, a saber, a matéria e a eficiente, precedem às vezes ao causado no ser; o fim, porém, embora não o preceda no ser, precede-o na intenção; a forma, segundo é forma, não o precede de nenhum desses modos, porque ao ter o causado o ser graças a ela, seu ser é simultâneo ao ser do causado, mas enquanto ela mesma é também fim precede o causado na intenção do agente.

E ainda que a forma seja o fim da operação, no que termina a operação do agente, não obstante nem todo fim é forma. Com efeito, existe algum fim na intenção que está para além do fim da operação, como é claro na casa. Pois a sua forma é o fim que termina a operação do construtor; e contudo a intenção deste não termina aí, mas se dirige a um fim ulterior, que é o habitar; se poderia dizer assim que o fim da operação é a forma da casa, enquanto que o da intenção é a habitação.

Portanto, que o causado deva ter algumas determinadas características não pode resultar da forma enquanto é forma, porque assim é concomitante com o causado, mas da capacidade da causa eficiente, ou bem da matéria, ou bem do fim, seja o fim da intenção ou o fim da operação. Contudo, não se pode dizer que em Deus seu efeito tenha necessariamente que ser a causa da matéria. Pois ao ser Ele próprio o autor de todo o ser, antes de sua ação não há nada que de algum modo possa ser, de modo que seja necessário dizer que seu efeito possua tais ou quais características como resultado da disposição da matéria. De modo semelhante tampouco pode vir da potência que o realiza. Pois, sendo a potência ativa de Deus infinita, estaria determinada a um único efeito somente se este for igual a Ele, mas nenhum efeito pode ser de tal natureza.

Por isso, se é necessário que o efeito que produz seja inferior a Ele, sua potência, quanto é em si mesma, não está determinada a este ou aquele grau de distância, de modo tal que seja obrigatório que a partir da mesma capacidade ativa se produza um tal ou qual efeito.

De modo semelhante não procede do fim da intenção. Com efeito, esse fim é a bondade divina, da

tionem. Nec iterum per effectus potest totaliter repraesentari vel eis totaliter communicari, ut sic possit dici, quod debitum sit talem vel talem Dei effectum esse, ut totaliter divinam bonitatem participet, sed possibile est effectum multis modis eam participare; unde nullius eorum necessitas est ex fine. Sic ex fine necessitas sumitur, quando intentio finis compleri non potest vel omnino, vel inconvenienter, nisi hoc vel illo existente.

Relinquitur igitur quod debitum in operibus divinis esse non potest nisi ex forma, quae est finis operationis. Ipsa enim cum non sit infinita, habet determinata principia, sine quibus esse non potest; et determinatum modum essendi, ut si dicamus, quod supposito quod Deus intendat hominem facere, necessarium est et debitum quod animam rationalem ei conferat et corpus organicum, sine quibus homo esse non potest. Et similiter possumus dicere in universo. Quod enim Deus tale universum constituere voluerit, non est necessarium neque debitum, neque ex fine neque ex potentia efficientis, neque materiae, ut ostensum est.

Sed supposito quod tale universum producere voluerit, necessarium fuit quod tales et tales creaturas produxerit, ex quibus talis forma universi consurgeret. Et cum ipsa universi perfectio et multitudinem et diversitatem rerum requirat, quia in una earum inveniri non potest propter recessum a complemento bonitatis primae; necesse fuit ex suppositione formae intentae quod Deus multas creaturas et diversas produceret; quasdam simplices, quasdam compositas; et quasdam corruptibiles, et quasdam incorruptibiles.

Hoc autem quidam philosophi non considerantes, diversimode a veritate deviaverunt.

Quidam namque non intelligentes Deum universi esse auctorem, posuerunt materiam non ab alio existentem, et ex eius necessitate rerum diversitatem produci, vel secundum raritatem vel secundum spissitudinem materiae res diversificantes, ut antiquissimi naturalium philosophorum, qui tantum causam materialem perceperunt; vel secundum actionem alicuius causae efficientis, quae secundum diversitatem materiae diversos effectus producebat, sicut Anaxagoras posuit intellectum divinum, qui diversas res producebat, eas a commixtione materiae segregando, et sicut Empedocles, qui per amicitiam et litem, secundum diversitatem materiae diversos effectus vario modo distinctos vel coniunctos ponebat.

qual não se acrescenta nada como consequência da produção dos efeitos. Nem tampouco pode ser representada totalmente mediante seus efeitos ou comunicar-se inteiramente a eles, de modo assim que possa se dizer que é obrigatório que o efeito de Deus seja tal ou qual para que participe totalmente da bondade divina; mas, é possível que o efeito participe de muitas maneiras, por isso há necessidade em função do fim em nenhum deles. Assim, a necessidade do efeito é tomada pelo fim quando a intenção do fim não pode completar-se, ou totalmente ou de modo inconveniente, a não ser a partir da existência de um efeito determinado.

Portanto, resta que algo obrigatório nas obras divinas não pode proceder a não ser da forma, que é o fim da operação. Com efeito, a mesma, não sendo infinita, tem princípios determinados, sem os quais não pode existir, e um determinado modo de ser, como se disséssemos que supondo que Deus tenha a intenção de fazer um homem, é necessário e obrigatório conferir-lhe a alma racional e um corpo orgânico, sem os quais não pode haver um homem. E, de modo semelhante, podemos dizer no todo que Deus, na verdade, tenha querido constituir um universo determinado não é necessário nem obrigado, nem pelo fim, nem pela potência da causa eficiente, nem pela matéria, como foi mostrado.

Ora, suposto que quisesse produzir um dado universo, foi necessário que produzisse tais e tais criaturas, das quais surgisse uma determinada forma do universo. E como a perfeição mesma do universo requer a mesma multidão e diversidade das coisas, porque não se pode encontrar em uma só delas devido ao alijamento de toda criatura da compleição da bondade primeira, foi necessário, suposto que Deus pretenda produzir essa forma, que Deus produzisse múltiplas e diversas criaturas, algumas simples, outras compostas, algumas corruptíveis e outras incorruptíveis.

Contudo, não se considerar estas coisas, alguns filósofos afastaram-se da verdade de diferentes maneiras.

A) Alguns, que não compreendendo que Deus é o autor do universo, pensaram que a matéria não procedia de outro, e que a diversidade das coisas era produzida de modo necessário pela matéria; para eles o que torna diversas as coisas é a rarefação ou a condensação da matéria, como pensaram os mais antigos filósofos naturais, que só reconheceram a causa material; ou que era a ação de alguma causa eficiente a que produzia efeitos diversos ao teor da diversidade da matéria; assim como Anaxágoras defendeu um intelecto divino, que produzia as diversas coisas, separando da mistura da matéria, e como Empédocles que estabeleceu diversos efeitos de acordo com vários modos separados ou unidos pela amizade e o ódio segundo a

Quorum falsitas apparet ex duobus. Primo ex hoc quod non ponebant omne esse a primo et summo ente effluere, quod in alia quaestione est ostensum. Secundo, quia secundum eos sequebatur quod partium universi distinctio et earum ordo essent a casu; quia sic necesse erat propter materiae necessitatem.

Alii pluralitatem rerum et modos diversos earum ex necessitate causae efficientis ponebant, sicut Avicenna, et eius sequaces. Posuit enim, quod primum ens, in quantum intelligit se ipsum, producit unum tantum causatum, quod est intelligentia prima, quam necesse erat a simplicitate primi entis deficere, utpote in quantum potentialitas incepit admisceri actui, in quantum esse recipiens ab alio non est suum esse, sed quodammodo potentia ad illud. Et sic in quantum intelligit primum ens, procedit ab ea alia intelligentia ea inferior, in quantum vero intelligit potentiam suam procedit ab ea corpus caeli, quod movet; in quantum vero intelligit actum suum, procedit ab ea anima caeli primi; et sic consequenter multiplicantur per multa media res diversae.

Sed haec etiam positio stare non potest. Primo, quia ponit potentiam divinam terminari ad unum effectum, qui est intelligentia prima. Secundo, quia ponit alias substantias praeter Deum esse aliarum creatrices, quod esse impossibile in alia quaestione, art. 4, ostensum est. Sequitur etiam ad hanc positionem, sicut et ad primas, quod decor ordinis universi sit casualis, ex quo rerum diversitatem non adscribit intentioni finis, sed terminationi potentiaram activarum ad suos effectus.

Alii vero circa debitum causae finalis erraverunt, sicut Plato, et eius sequaces. Posuit enim quod bonitati Dei ab eo intellectae et amatae debitum esset tale universum producere, ut sic optimus optimum produceret. Quod quidem potest esse verum, si solum quantum ad ea quae sunt respiciamus; non autem si respiciamus ad ea quae esse possunt. Hoc enim universum est optimum eorum quae sunt; et quod sit sic optimum, ex summa Dei bonitate habet. Non tamen bonitas Dei est ita obligata huic universo quin melius vel minus bonum aliud universum facere potuisset.

Quidam etiam debitum causae formalis non attendentes, sed solum debitum divinae bonitatis, erraverunt,

diversidade da matéria.

A falsidade dessas ideias é clara a partir de duas considerações. Primeiro, que não reconhecem que todo ser flui do primeiro e sumo ente, como em outra questão já foi mostrado. Segundo, porque segundo o seu pensamento se seguiria que a distinção das partes do universo e sua ordem seriam produto da causalidade, porque assim era necessário pela necessidade da matéria.

B) Outros, como Avicena⁹ e seus seguidores, estabeleceram a pluralidade das coisas e seus diversos modos de ser como um resultado da necessidade da causa eficiente. Com efeto, Avicena pensou que o primeiro ente, enquanto se entende a si mesmo, produz uma única coisa causada, que é a inteligência primeira; essa necessariamente devia estar por debaixo da simplicidade do primeiro ente, porque nessa primeira inteligência a potencialidade começa a ser mesclada com o ato, pois recebendo o ser de outro não é o seu ser, mas que de algum modo é potência em relação a ele. E assim enquanto entende o primeiro ente, procede de outra inteligência a inteligência inferior; de fato, enquanto pensa sua própria potência, procede disso o corpo do céu, a que proporciona movimento; enquanto, porém, entende seu próprio ato, procede dela a alma do primeiro céu, e assim consequentemente se multiplicam, através de muitas coisas intermediárias, as diversas coisas.

Mas esta posição não pode ser mantida. Primeiro, porque estabelece que a potência divina está determinada a um único efeito, que é a inteligência primeira. Segundo, porque admite que outras substâncias além de Deus são criadoras de outras coisas, o que foi mostrado ser impossível em outra questão, no artigo 4. Segue-se também dessa posição, assim como das primeiras, que a beleza da ordem do universo seria casual, pois a variedade das coisas não se atribui à intenção do fim, mas à determinação das potências ativas em relação aos seus efeitos.

C) Outros, como Platão e seus seguidores, porém, se equivocaram sobre a obrigação da causa final. Com efeito, para produzir tal universo seria obrigatório à bondade de Deus, compreendida e amada por Ele, de tal modo que assim o ótimo produzisse o ótimo. De fato, isso pode ser verdade, se olharmos apenas aquelas coisas que existem, mas não se olharmos para as que podem ser. Com efeito, esse universo é o melhor dos que existem, e ser o melhor se deve a suma bondade de Deus. Porém a bondade de Deus não está ligada a esse universo de tal forma que não poderia ter feito um outro universo melhor ou pior.

D) Alguns, como os maniqueístas, erraram por não considerar o que obriga a causa formal, mas apenas

⁹ AVICENA, *Metaphysica*, IX, 4.

sicut Manichaei; qui cum considerarent Deum esse optimum, crediderunt a Deo esse tantum illas creaturas quae inter alias sunt optimae, scilicet spirituales et incorruptibiles; corporalia vero et corruptibilia alteri attribuerunt principio. Ex simili etiam fonte prodiit Origenis error, licet huic contrarius. Consideravit enim Deum esse optimum et iustum; unde ab ipso primo fuisse conditas optimas creaturarum solas et aequales existimavit, scilicet rationales creaturas; quibus ex libero arbitrio diversimode operantibus in bonum vel in malum, consecutum esse dicebat ut diversi gradus rerum in universo constituerentur, dicens: illas rationales creaturas quae ad Deum conversae sunt, in angelicam dignitatem esse promotas, et secundum diversos ordines, prout magis et minus meruerunt; e contrario vero ceteras rationales quae per liberum arbitrium peccaverunt, in inferiora dicit esse prolapsas, et corporibus alligatas; quasdam quidem soli, lunae et stellis, quae minus peccaverunt; quasdam vero corporibus hominum; quasdam in Daemones esse conversas.

Uterque enim error ordinem universi praeterire videtur in sua consideratione, considerando tantummodo singulas partes eius. Ex ipso enim ordine universi potuisset eius ratio apparere, quod ab uno principio, nulla meritorum differentia praecedente, oportuit diversos gradus creaturarum institui, ad hoc quod universum esset complementum (repraesentante universo per multiplices et varios modos creaturarum quod in divina bonitate simpliciter et indistincte praexistit) sicut et ipsa perfectio domus et humani corporis diversitatem partium requirit.

Neutrum autem eorum esset completum si omnes partes unius conditionis existerent; sicut si omnes partes humani corporis essent oculus, aliarum enim partium deessent officia. Et similiter si omnes partes domus essent tectum, domus complementum et finem suum non consequeretur, ut scilicet ab imbris et caumatibus defendere posset.

Sic igitur dicendum est, quod ab uno primo multitudine et diversitas creaturarum processit, non propter materiae necessitatem, nec propter potentiae limitationem, nec propter bonitatem, nec propter bonitatis obligationem; sed ex ordine sapientiae, ut in diversitate creaturarum perfectio consisteret universi.

o que obriga a bondade divina; esses, como consideravam que Deus era ótimo, creram que de Deus procedia apenas criaturas que entre as outras são as melhores, a saber, as espirituais e incorruptíveis, porém atribuíram as corporais e corruptíveis a um outro princípio. Também de uma fonte semelhante surge o erro de Orígenes¹⁰, ainda que seja contrário àquele. Com efeito, considerou que Deus era ótimo e que era justo, então d'Ele no princípio foram criadas só as criaturas melhores e todas iguais, a saber, criaturas racionais; afirmava que a diversidade de seu livre arbítrio, bom ou ruim, teria levado à formação dos vários graus das coisas no universo; afirmava que as criaturas racionais que se tinham convertido a Deus haviam sido elevadas a dignidade angélica, e segundo diversas ordens, enquanto mereceram mais e menos; pelo contrário, as criaturas racionais que pecaram livremente, afirma que caíram ao inferior e foram encarceradas nos corpos; as que pecaram menos foram encarceradas no sol, na lua e nas estrelas; as outras, porém, nos corpos de homens, e outras foram convertidas em demônios.

Com efeito, o erro de ambas as posturas parece ter sido o de omitir em sua consideração a ordem do universo, considerando apenas alguma das suas partes. Pois da mesma ordem do universo poderia ter sido manifesta a razão pela qual de um único princípio, sem precedência de nenhuma diferença de méritos, seria necessário que tenham sido constituídos diferentes graus de criaturas, para que o universo estivesse completo (representando o universo por múltiplos e variados modos das criaturas em que a bondade divina preexiste de modo absoluto e indistinto); assim como também a perfeição de uma casa e do corpo humano requer a diversidade das partes.

Contudo, nem a casa nem o corpo estariam completos se todas as suas partes fossem do mesmo tipo; como, se todas as partes do corpo humano fossem olhos, faltariam as funções dos outros órgãos. E de modo semelhante, se todas as partes da casa fossem teto, a casa não alcançaria seu acabamento e seu fim, a saber, de modo que possa proteger da chuva e de calor.

Portanto, deve-se dizer assim, que é necessário afirmar que o múltiplo e a diversidade das criaturas não provêm de um primeiro princípio por necessidade da matéria, nem pela limitação da potência divina, nem pela bondade ou por aquele a que a bondade estava obrigada, mas sim como um resultado da sabedoria divina, a fim de que a perfeição do universo se estabelecesse na diversidade das criaturas.

¹⁰ ORÍGENES, *De Principiis*, I, 6, 2-3.

RESPONSIONES AD ARGUMENTA

RESPOSTAS AOS ARGUMENTOS¹¹

1. Ad primum ergo dicendum, quod sicut Deus est unus, ita et unum produxit, non solum quia unum-quodque in se est unum, sed etiam quia omnia quodammodo sunt unum perfectum, quae quidem unitas diversitatem partium requirit, ut ostensum est.

2. Ad secundum dicendum, quod creatura assimilatur Deo in unitate, in quantum unaquaqueque in se una est, et in quantum omnes unum sunt unitate ordinis, ut dictum est.

3. Ad tertium dicendum, quod malitia totaliter in non esse consistit; multitudo autem causatur ex ente. Ipsa enim differentia, per quam entia dividuntur ad invicem, quoddam ens est. Unde Deus non est auctor tendendi ad non esse, sed est omnis esse auctor; non est principium malitiae sed est principium multitudinis. Sciendum autem, quod duplex est unum; quoddam scilicet quod convertitur cum ente, quod nihil addit supra ens nisi indivisionem; et hoc unum privat multitudinem, in quantum multitudo ex divisione causatur; non quidem multitudinem extrinsecam quam unum constituit sicut pars; sed multitudinem intrinsecam quae unitati opponitur.

Non enim ex hoc quod aliquid dicitur esse unum, negatur quin aliquid sit extra ipsum quod cum eo constituat multitudinem; sed negatur divisio ipsius in multa. Aliud vero unum est quod est principium numeri, quod supra rationem entis addit mensurationem; et huius unius multitudo est privatio, quia numerus fit per divisionem continui. Nec tamen multitudo privat unitatem totaliter, cum diviso toto adhuc remaneat pars indivisa; sed removet unitatem totius. Sed malitia, quantum est in se, removet bonitatem, nullo modo eam constituens, nec ab ea constituta.

4. Ad quartum dicendum, quod ens alio modo se habet ad ea quae sub ente continentur, et alio modo animal vel quodlibet aliud genus ad species suas. Species enim addit supra genus, ut homo supra animal, differentiam aliquam quae est extra essentiam generis. Animal enim nominat tantum naturam sensibilem, in qua rationale non continetur; sed ea quae continentur sub ente, non addunt aliquid supra ens quod sit extra essentiam eius; unde non oportet quod illud quod est causa animalis in quantum est animal, sit causa rationalis in quantum huiusmodi. Oportet autem illud quod est causa entis in quantum est ens, esse causam omnium differentiarum entis, et per consequens totius multitudinis entium.

1. Respondo, dizendo, que como Deus é uno, assim também é uno o que produziu, não só porque cada coisa é uma em si mesma, mas porque todas as coisas são de alguma maneira um uno perfeito, na qual, de fato, requer-se a diversidade das partes, como foi mostrado.

2. Respondo, dizendo, que a criatura se assemelha a Deus na unidade enquanto que cada uma delas é uma em si mesma, e enquanto que todas são uma na unidade de ordem, como já foi dito.

3. Respondo, dizendo, que a malícia consiste totalmente em não ser, enquanto que o múltiplo é causada pelo ente. Com efeito, a diferença mesma, pela qual os entes se dividem entre si, é um certo ente. Por isso Deus não é o autor da tendência ao não ser, mas é o autor de todo o ser; não é o princípio do mal, mas é o princípio do múltiplo. No entanto, deve-se saber que o uno é de dois tipos; o primeiro é a que se converte com o ente, o qual não agrega ao ente nada mais que a indivisão; e esta leva consigo a privação do múltiplo, enquanto que o múltiplo é causado pela divisão; mas não leva consigo o múltiplo extrínseco que o uno constitui como parte sua, mas a multiplicidade intrínseca, que é oposta à unidade.

Com efeito, quando se diz que algo é uno, não se nega que há algo fora dele que com ele constitua o múltiplo, mas se nega a divisão de si mesmo em muitos. De fato, um outro tipo de unidade é a que é princípio do número, que à razão do ente acrescenta a medida; o múltiplo é a privação deste uno, porque o número se dá pela divisão do contínuo. Porém, o múltiplo não priva totalmente a unidade, porque dividido o todo permanece a parte indivisa, mas exclui a unidade do todo. Ora, a maldade, enquanto é em si mesma, remove a bondade, não a constituindo de nenhum modo nem sendo por ela constituída.

4. Respondo, dizendo, que a relação do ente com as coisas que estão compreendidas no ente é diferente da relação de um animal ou quaisquer outros gêneros com sua espécie. Com efeito, a espécie acrescenta ao gênero, como homem e animal, uma diferença que está fora da essência do gênero. Com efeito, animal nomeia apenas a natureza sensível, na qual não está compreendida a racionalidade; mas as coisas que estão compreendidas sob a razão de ente não acrescentam algo ao ente que está fora de sua essência; por isso, o que é causa do animal enquanto é animal não tem necessariamente porque ser causa da racionalidade enquanto tal. No entanto, é necessário que aquilo que é causa do ente enquanto ente seja causa de todas as diferenças do ente, e portanto de toda a multiplicidade dos entes.

¹¹ Na edição reproduzida por Enrique Alarcón (Taurini) não há esta divisão que ora propomos: *Responsiones ad argumenta*. Do mesmo modo, quando necessário, inserimos *Responsiones ad sed contra*, quando houver mais de um *sed contra*. O intuito é, conforme dito, orientar o leitor quanto à dinâmica da argumentação da exposição do Aquinate.

5. Ad quintum dicendum, quod appropriatio causae ad effectum attenditur secundum assimilationem effectus ad causam. Assimilatio autem creaturae ad Deum attenditur secundum hoc quod creatura implet id quod de ipsa est in intellectu et voluntate Dei; sicut artificiatia simulantur artifici in quantum in eis exprimitur forma artis, et ostenditur voluntas artificis de eorum constitutione. Nam sicut res naturalis agit per formam suam, ita artifex per suum intellectum et voluntatem. Sic igitur Deus propria causa est uniuscuiusque creaturae, in quantum intelligit et vult unamquamque creaturam esse. Quod autem dicitur idem non posse esse plurimum proprium, intelligendum est quando fit propriatio per adaequationem; quod in proposito non contingit.

6. Ad sextum dicendum, quod solutio patet ex dictis.

7. Ad septimum dicendum, quod licet sit quaedam similitudo creaturae ad Deum, non tamen adaequatio; unde non oportet, si unitas Dei caret omni multitudine et compositione, quod propter hoc oporteat talem esse creaturae unitatem.

8. Ad octavum dicendum, quod licet effectus non possit excedere causam suam, tamen causa potest excedere effectum; et ideo licet ab una causa possint procedere plures effectus, tamen non potest unus effectus a pluribus causis immediate procedere.

9. Ad nonum dicendum, quod licet eadem sit potentia in Deo generandi et creandi secundum rem, non tamen idem respectus in utraque connotatur: sed potentia generandi connotat respectum ad id quod procedit per naturam; et ideo oportet tantum unum esse; sed potentia creandi importat respectum ad id quod procedit per voluntatem; unde non oportet quod sit unum.

10. Ad decimum dicendum, quod non oportet, sicut dictum est, huiusmodi unitatem esse in creatura et in Deo; licet creatura Deum in unitate imitetur.

11. Ad decimumprimum dicendum, quod quamvis actio Dei sit una et simplex, quia est eius essentia; non tamen oportet quod sit unus tantum effectus, sed multi; quia ex actione divina procedit effectus secundum ordinem sapientiae et arbitrium voluntatis.

12. Ad decimumsecundum dicendum, quod quando exemplatum perfecte repraesentat exemplar, ab uno exemplari non est nisi unum exemplatum, nisi per accidens, in quantum exemplata materialiter distinguuntur. Creaturae vero non perfecte imitantur suum exemplar. Unde diversimode possunt ipsum imitari, et sic esse diversa exemplata. Perfectus autem modus imitandi est unus tantum: et propter hoc filius, qui perfecte imitatur patrem, non potest esse nisi unus.

13. Ad decimumtertium dicendum, quod licet forma

5. Respondo, dizendo, que a apropriação de uma causa e um efeito apenas pode ser entendida segundo a semelhança do efeito com a causa. Contudo, a semelhança da criatura com Deus se entende segundo que a criatura satisfaz aquilo mesmo que está no intelecto e na vontade de Deus, assim como as coisas artificiais se assemelham ao artífice enquanto nelas se expressa a forma da arte e se mostra a vontade do artífice sobre sua produção. Pois, como uma coisa natural opera por sua própria forma, assim o artífice opera por seu intelecto e vontade. Portanto, assim, Deus é a causa própria de cada uma das criaturas, enquanto entende e quer que cada uma delas exista. No entanto, ao se dizer que uma mesma coisa não pode ser o que é próprio de muitos entes, deve ser entendida quando algo é próprio por adequação; o qual não sucede no caso proposto.

6. Respondo, dizendo, que a solução é clara pelo dito

7. Respondo, dizendo, que ainda que haja alguma semelhança entre a criatura e Deus, porém não há adequação; por isso não é necessário que, se a unidade de Deus carece de toda multiplicidade e composição, por causa disso, a unidade da criatura não deva necessariamente ser tal.

8. Respondo, dizendo, que ainda que o efeito não possa exceder a sua causa, porém a causa pode ser superior ao efeito; e por isso, ainda que muitos efeitos possam proceder de uma única causa, um só efeito não pode proceder imediatamente de muitas causas.

9. Respondo, dizendo, que ainda que em Deus a potência de gerar e a de criar sejam segundo a realidade a mesma, não se conota em ambas a mesma relação; porém a potência de gerar conota a relação com o que procede da natureza, e por isso é necessário que seja apenas uno, enquanto que a potência de criar implica a relação que procede pela vontade, por isso não é necessário que seja uno.

10. Respondo, dizendo, que não é necessário, como foi dito, que exista a mesma unidade na criatura e em Deus, ainda que a criatura imite a Deus na unidade.

11. Respondo, dizendo, que ainda que a ação de Deus seja única e simples, porque é a sua essência, porém não é necessário que exista um só efeito, senão muitos, porque o efeito procede da ação divina segundo a ordem da sua sabedoria e o arbítrio de sua vontade.

12. Respondo, dizendo, que quando o exemplo representa perfeitamente o exemplar, de cada exemplar não existe mais que um exemplo, a não ser por acidente, enquanto que os exemplares se distinguem materialmente. De fato, as criaturas não imitam perfeitamente o seu modelo. Por isso podem imitá-lo de diversos modos e assim existir vários exemplares. No entanto, o modo perfeito de imitar é apenas um, e por isto o Filho, que imita perfeitamente o Pai, não pode ser senão um.

13. Respondo, dizendo, que ainda que a forma do

intellectus divini sit una tantum secundum rem, est tamen multiplex ratione secundum diversos respectus ad creaturam, prout scilicet intelliguntur creaturae diversimode formam divini intellectus imitari.

14. Ad decimumquartum dicendum, quod isti diversi respectus ad creaturam non solum sunt in intellectu nostro, sed etiam in intellectu divino. Nec tamen diversa aliqua sunt in intellectu divino, in quibus Deus intelligat; quia intelligit tantum uno, quod est sua essentia; sed sunt ibi multa, ut ab ipso intellecta. Sicut enim nos intelligimus quod creatura potest Deum multipliciter imitari, ita et Deus hoc intelligit; et per consequens intelligit diversos respectus creaturae ad Deum.

15. Ad decimumquintum dicendum, quod sicut Deus uno intelligit omnia, ita etiam et per unam apprehensionem. Nam actum intellectus oportet esse unum vel multos, secundum unitatem vel multitudinem principii quo intelligitur.

16. Ad decimumsextum dicendum, quod licet multitudo praeter multa, non sit nisi in ratione, multitudo tamen in multis est etiam in rerum natura: sicut etiam animal commune non est nisi in ratione, natura tamen animalis est in singularibus: et propter hoc multitudinem et animalis naturam oportet reducere in Deum, sicut in causam.

17. Ad decimumseptimum dicendum, quod universum quod est a Deo productum, est optimum respectu eorum quae sunt, non tamen respectu eorum quae Deus facere potest.

18. Ad decimumoctavum dicendum, quod ratio illa tenet quando id quod est ad finem potest totaliter et perfecte consequi finem per modum adaequationis; quod in proposito non contingit.

19. Ad decimumnonum dicendum, quod illa ratio est Origenis, nec habet magnam efficaciam. Non enim est contra iustitiam quod inaequalia aequalibus dentur nisi quando alicui redditur debitum; quod in prima rerum creatione non potest dici. Quod enim ex propria liberalitate datur, potest dari plus vel minus secundum arbitrium dantis, et secundum quod eius sapientia requirit.

20. Ad vicesimum dicendum, quod licet creaturae aliae sint Angelo inferiores, tamen earum productio requirit infinitam virtutem producentis, in quantum per creationem producuntur in esse, utpote non ex praeiacenti materia factae. Et ideo omnes creaturae, quae non sunt factae ex praeiacenti materia, oportet dicere immediate a Deo esse creatas.

21. Ad vicesimumprimum dicendum, quod cum creatio terminetur ad esse tamquam ad proprium effectum, impossibile est dicere, ea quae a Deo creantur, ab An-

divino intellecto seja segundo a realidade apenas uma, é porém múltipla segundo a razão, se se consideram as diversas relações com a criatura, a saber, enquanto que se entende que as criaturas imitam de diversos modos a forma do divino intelecto.

14. Respondo, dizendo, que essas diversas relações com a criatura não só existem no nosso intelecto, mas também no intelecto divino. Porém, no divino intelecto não existem coisas diversas, das quais Deus entenda, porque Ele entende só de uma coisa, que é a sua essência; mas há n'Ele muitas coisas, no sentido de que são compreendidas por Ele. Assim como, com efeito, nós sabemos que a criatura pode imitar a Deus de muitos modos, assim também o entende Deus, e por consequência entende as várias relações da criatura com Deus.

15. Respondo, dizendo, que assim como Deus entende todas as coisas com uma coisa só, assim também com uma só apreensão. Pois é necessário que o ato intelectual seja uno ou muitos, segundo a unidade ou os múltiplos princípios pelos quais se entende.

16. Respondo, dizendo, que ainda que o múltiplo fora dos muitos não exista a não ser na razão, porém o múltiplo que está nos muitos também está na natureza das coisas, como também o animal em geral não existe a não ser na razão, e porém a natureza animal existe nas coisas singulares; e por isso a multidão e a natureza do animal devem reconduzir-se a Deus como a sua causa.

17. Respondo, dizendo, que o universo que foi produzido por Deus é ótimo em relação aos que existem, porém não o é em relação aos que Deus pode fazer.

18. Respondo, dizendo, que esse argumento é válido quando o que é relativo ao fim pode conseguir total e perfeitamente o fim sendo igual a ele; o que não ocorre no caso proposto.

19. Respondo, dizendo, que esse argumento é de Orígenes¹², e não tem grande eficácia. Com efeito, não é contra a justiça que coisas desiguais sejam dadas aos desiguais a não ser quando se dá a alguém o devido, o qual não pode acontecer na primeira criação das coisas. Com efeito, o que é dado por seu próprio arbítrio pode ser dado em maior ou menor medida segundo o arbítrio de quem dá, e segundo o que requer a sua sabedoria.

20. Respondo, dizendo, que ainda que as outras criaturas sejam inferiores ao anjo, porém produção delas requer um poder infinito por parte de quem as produz, enquanto pela criação são produzidas no ser, uma vez que não foram feitas a partir de uma matéria preexistente. E por isso se deve afirmar que todas as criaturas que não tenham sido feitas a partir de uma matéria preexistente foram criadas por Deus imediatamente.

21. Respondo, dizendo, que como a criação termina no ser como seu próprio efeito, é impossível dizer que as coisas que tenham sido criadas por

¹² ORÍGENES, *De Principiis*, II, 9, 5-6.

gelis formas habere, cum omne esse sit a forma.

22. Ad vicesimumsecundum dicendum, quod licet quidquid Deus facit, in se sit unum, tamen haec unitas, ut dictum est, non removet omnem multitudinem, sed manet illa cuius unum est pars.

23. Ad vicesimumtertium dicendum, quod verbum philosophi, cum dicit quod Deus nihil intelligit extra se, non est intelligendum quasi Deus ea quae sunt extra ipsum non intelligat; sed quia illa etiam quae extra ipsum sunt, non extra se, sed in se intuetur, quia per essentiam suam omnia alia cognoscit.

24. Ad vicesimumquartum dicendum, quod creatura dicitur esse in Deo dupliciter. Uno modo sicut in causa gubernante et conservante esse creaturae; et sic praesupponitur esse creaturae distinctum a creatore ad hoc quod creatura a Deo esse dicatur.

Non enim intelligitur creatura conservari in esse nisi secundum quod iam habet esse in propria natura, secundum quod esse creaturae a Deo distinguitur. Unde creatura hoc modo in Deo existens non est creatrix essentia.

Alio modo dicitur creatura esse in Deo sicut in virtute causae agentis, vel sicut in cognoscente; et sic creatura in Deo est ipsa essentia divina, sicut dicitur Ioannis I, 3: *quod factum est in ipso vita erat*. Quamvis autem hoc modo creatura in Deo existens sit divina essentia, non tamen per istum modum est ibi una tantum creatura, sed multae. Nam essentia Dei est sufficiens medium ad cognoscendum diversas creaturas, et sufficiens virtus ad eas producendas.

Deus possuum suas formas pelos anjos, porque todo ser procede da forma.

22. Respondo, dizendo, que ainda que tudo o que Deus faz é em si uno, porém essa unidade, como foi dito, não exclui todo múltiplo, mas permanece esse múltiplo do qual o que é uno é uma parte.

23. Respondo, dizendo, que a afirmação do Filósofo quando diz que Deus não entende nada fora de si mesmo, não se deve entender que Deus não pensa as coisas que existem fora d'Ele, mas que também as coisas que existem fora de Ele, Ele não as vê fora de si próprio, mas em si mesmo, porque conhece todas as outras coisas por sua essência.

24. Respondo, dizendo, que a criatura se diz existir em Deus de dois modos. De um modo, diz-se que a criatura está em Deus porque Ele é a causa que governa e conserva o ser da criatura; e assim se presupõe um ser da criatura diferente do Criador, para que se possa dizer que a criatura existe por Deus.

Com efeito, não se entende que a criatura seja conservada no ser a não ser segundo já tem o ser na própria natureza, enquanto o ser da criatura se distingue de Deus. Por isso a criatura existente deste modo em Deus não é a essência criadora.

De um outro modo, diz-se que a criatura existe em Deus porque está em virtude da causa agente, ou como o que a conhece; e assim a criatura em Deus é a mesma essência divina, como se afirma em Jo 1, 4: *o que foi feito nele era vida*. Contudo, ainda que nesse modo a criatura que existe em Deus seja a essência divina, porém não existe n'Ele dessa maneira apenas uma criatura, porém muitas. Pois a essência de Deus é um meio suficiente para conhecer diversas criaturas, e uma capacidade suficiente de produzi-las.